

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Ciras. — Editor: José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Ann., sem estampilha 10\$000 esc. — Com esta pilha e para fóra 12\$000 e c. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero atrasado 1\$00 — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.



Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 cent. — Anuncios particulares: linha \$70. Comum. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restitueem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL URBANA

Fez-se uma larga e intensa especulação á roda da revisão a que se procedeu das matrizes prediais e urbanas.

Falou-se dum suposto agravamento brutal do imposto e considerou-se como regra o exagêro nas avaliações.

Ainda no mês de Janeiro, o Ministerio das Finanças, em nota officiosa, respondeu por forma completa á campanha de descredito das intenções do Governo.

Explicou, á face dos numeros, as consequências effectivas de novo regime adoptado.

Provou que o ligeiro aumento de 6 mil e tantos contos proveniente da contribuição dos predios até agora omisso nas matrizes e que não pagavam contribuição (o que não era justo nem razoavel) representava, de facto, o unico acrescimo real do imposto.

Para os predios já anteriormente inscritos o aumento do rendimento collectavel, compensado pela baixa da taxa de contribuição não se traduziu, effectivamente, num agravamento. Depois das correções resultantes das reclamações contra excesso de valores e contra duplicações, o producto da contribuição não deve ser superior ao que foi no ultimo ano economico.

Quanto aos outros predios — cêrca de 300 mil —

que não pagavam um centavo e agora passam a pagar como os outros, não parecerá a ninguém recomendavel manter-se essa situação de privilegio, numa época em que a igualdade dos cidadãos se reputa principio fundamental de todas as constituições.

Igualmente demonstrou a nota officiosa referida que nem a siza nem o imposto sobre as sucessões viriam a ser agravados pelos novos valores atribuidos á propriedade urbana.

Assim, de um modo geral, ficou sobejamente provado que a reforma das matrizes não impoz ao país um aumento de sacrificios.

Mas não pode contestar-se que, em numerosos casos, as avaliações não obedeceram a um criterio irreprensivel.

Ou por má interpretação das instruções superiores, ou pelo desejo muito propositado de prejudicar a acção do Governo, tornando a impopular e desfigurando as suas intenções houve avaliadores que exageraram os rendimentos sistematicamente, ou não mantiveram em todas as avaliações o mesmo criterio, de onde resultaram, aqui e além desigualdades flagrantes.

Isto mesmo o reconheceu o Governo, com notavel espirito de justiça.

E, porque o reconheceu, entendeu dever facilitar aos contribuintes a reclamação contra as avaliações defeituosas, publicando o decreto lei numero 26.338 que foi recentemente ratificado pela Assembleia Nacional.

Vem êste decreto ao encontro das aspirações de numerosos contribuintes que não tinham apresentado em tempo devido as suas reclamações, por falta de iniciativa ou por ignorancia dos meios de defesa.

Abre-se um novo periodo de reclamações no mês de Abril do corrente ano e facilitam-se as reclamações, diminuindo as formalidades. Mais, determina-se que o periodo de três anos durante o qual ficarão em vigor as novas matrizes só começará na altura que o Governo vier a fixar. Desta forma se pretende que só se tornem estaveis os valores quando todos os contribuintes tiverem tido tempo de os fazer corrigir, tornando as matrizes o mais perfeitas possivel.

Com o espirito de favorecer o contribuinte, permite-se mesmo a anulação parcial da colecta no ano de 1936, sempre que se verifique um grande exagêro da primeira avaliação. Os que houverem pago de mais serão reembolsados do que tiverem indevidamente pago.

Por esta forma deu o Governo um exemplo notavel de moderação e do amor da equidade.

Deixará o Estado de cobrar alguns milhares de contos, mas evitar-se-á sobre-carregar indevidamente os proprietarios urbanos, já tão sensivelmente afectados

Felicite-se o paiz por que a situação do tesouro permita um sacrificio que a justiça impõe e le abre-

PROTEGEI OS CUMPRIDORES DA LEI...

(A VOLTA DO COMERCIO LOCAL.)

As repetidas visitas a esta terra abençoada, de vendedores ambulantes, têm causado uma má impressão e de facto não só é justificada como carece de correcção. O comercio local, prejudicado pela crise que a todos, sem excepção tem chegado, ressentete-se também das visinhas feiras organizadas semanalmente, quer em Viana, Vila do Conde, mas especialmente em Barcelos pela sua enorme importância. Ora, anexado a êstes inconvenientes, o também grave de vendedores ambulantes que adquirem os artigos não sabemos como ou por preços de saldo, vêm fatalmente lezar os lidimos interesses dos nosos comerciantes, dos comerciantes que pagam imperterivelmente as suas contribuições e que se fornecem não de saldos mas de armazens, onde o preço nunca pode ser equiparado ao de saldo. E' certo que esses homens têm também direito á vida, têm direito de commerciar, mas o que eles nunca *devem* ter, é o direito de competir com aqueles de quem se arredam em compromissos de contribuições.

Neste momento, leitor que costume olhar para os problemas vendo-os sómente através dum prisma, po-

se de que só um governo que o desafêgo financeiro tranquiliza pode ter gestos desta desprendida isenção.

derá perguntar: então a livre consciência não é o meio de adquirirmos os artigos mais baratos? Na verdade, em principio, esta afirmação verifica-se, mas como a concorrência está provada, não é uma força económica permanente, succede que rareando essa concorrência, voltamos á primeira fase, caindo em seguida nas mãos daqueles que de facto e de direito conservam sempre essa força com foros permanentes. Esta é a primeira parte do problema. A segunda será mostrar a desvantagem duma livre concorrência. É preciso notar que a concorrência, sempre desordenada e a fugir para o abuso, enquanto proporciona lucros ao consumidor, arruina o concorrente, chegando-se em última análise a uma monopolização, que por ser efémera não aproveita a ninguém, antes é ameaçadora para a economia nacional e verifica-se claramente o que dizia Poincaré: onde está o monopólio começa o socialismo.

Não ignoramos os vendedores ambulantes pagarem também contribuições quer ao Estado, quer a Camara, mas o que é certo é que esse quantitativo deveria ser aumentado, por que lhes dá para tudo, e mais do que isso, o seu acesso restringido por certa clausulas, que não os prejudicando, beneficiariam o comércio local. Mais uma vez e até neste capítulo se faz sentir a falta ingente do «Codigo de Posturas»...

Sendo justo que os municipios cobrem impostos aos comerciantes para satisfazerem os seus compromissos, justo será também, que os comerciantes vejam os seus interesses protegidos pelas entidades competentes, pois o comerciante que não faz negócio não pode pagar contribuições de espécie alguma. Dentro da organização municipal, este problema merece to-

do o carinho, de tam grande monta (e é na vida interna dum aglomerado restricto, onde por natureza as condições económicas fraquejam a cada passo, e quasi que podiamos dizer onde passam despercebidas. Mas ao lado desta concorrência d'leal, e sses vendedores ambulantes servem-se de variados estratagemas que as autoridades deveriam reprimir. Numa vila como a nossa, só rica de beleza e condições para ser um grande meio, onde a industria não existe e o comércio na sua dependencia tem de abranger uma elevação infinita na escala dos valores vitais, achamos de toda a conveniência e nosso interesse que a proteção aos comerciantes não seja regateada.

D. G.

Arvores de fruto

Acaba de sair o n.º 4 da «Colecção Agrária, Arvores de Fruto, útil edição da Biblioteca Agrícola.

Este interessante tratado original do sr. Florindo Gomes Valdez, regente agricola, insere:

«Escolha das Arvores para plantar—Plantação.—Enxerto e Poda.

• Adubos»—Especial para as arvores de fruto—Especial para laranjeiras. Vulgar.

«Rótulos e tintas para marcar as arvores».

• Arvores de espinho e de carôço—Variedades de fruto»—Ameixieira—Cerejeira—Damasqueiro—Dióspiros—Figueira—Groselheira—Laranjeira—Limoeir—Macieira—Marmeleiro—Nespereira—Nogueira—Pereira—Pessegueiro—Romanzeira—Sorveira—Tangerineira.

«Enfermidades e Parasitas que atacam as fruteiras. Modo de os combater—Ameixieira—Cerejeira—Limoeiro—Macieira—Marmeleiro—Nogueira—Pereira—Pessegueiro—Insectos—Formigas—Parasitas vegetais—Ratos e Ratazanas—Unguentos para as feridas das arvores—Destruição dos troncos pôdres—Desinfecção e limpeza das arvores—Pincelagem—Pulverização.

Conservação e secagem de frutos—de uvas—de ameixas—de figos.

A edição profusamente ilustrada é da «Biblioteca Agrícola»—Rua de S. Bento, 279, 1.º—Lisboa, e o seu preço é de 250 cada.

A VAIDADE

Depois de muitos anos de um trabalho exaustivo, no Rio de Janeiro, a familia Pereira, resolveu regressar a Portugal para deslumbrar com a sua riqueza os conterraneos da aldeiazita onde nasceram.

Desembarcaram em Lisboa. Ele feto de linho branco, «panamá» na cabeça, posto que, estivessemos em pleno inverno, dedos nedosos envoltos em aneis rutilantes de pedrarias finas. Ela, uma lavradeira gorda, de mãos grosseiras, adipósa, a quem o chapéu assentava muito mal, envergava um vestido verde horrivel e sobre êle joias carissimas.

Protestava constantemente contra os sapatos de camurça, que lhe apertavam os avantajados pés.

Deste interessante casal, havia um rebento: a Aracy, galante menina de nove anos, muito vaidosa da fortuna de seus pais.

Apoz oito dias de descanço na capital, seguiram para a terra da sua naturalidade, um recanto adoravel da nossa encantadora Beira Alta.

Tiveram uma espera estrondosa. Foguetes, musica e grande multidão de povo que os acompanhou até á linda casa, estilo colonial, previamente mandado edificar e a que deram o nome pomposo de «Vila Brasil».

Em outubro a Aracy foi matriculada na escola primária oficial. Durante os recreios afrontava as compauheiras com a sua riqueza.

—Olha o meu vestido como é bonito! Vocês nunca terão um de veludo como este! E pavoneava-se toda, ante os olhos atonitos das condiscipulas. O meu papá é muito rico. Posue um cofre repleto de dinheiro e papeis que valem milhões. A minha mamã, tem vestidos sem conta, gavetas cheias de adereços. Nos adornos de casa,

temos uma fortuna! Passadeiras nas escadas e corredores; cortinados nas janelas; reposteiros nas portas; carpetes em todos os aposentos; almofadas dispersas pelo chão; espelhos muito maiores do que eu... enormes!

Bonecas, tenho ás duzias. Umas vestidas de seda, outras á moda do Minho, algumas com fantasias de Carnaval De Inglaterra veio, no dia dos meus anos, uma boneca lindissima de cabelos loiros. Linda como nós, diz «papá», «mamã», fecha os olhos... E quantas, quantas, que estraguei e já não gosto delas! Emfim os meus brinquedos são tantos, tantos, que tenho uma sala, extensa, só para êles.

Diariamente, a Aracy pretendia maravilhar as amigas com exageradas descrições, a proposito da opulencia em que vivia.

(Continua)

Rui de Menezes.

QUADROS DOLOROSOS DA VIDA CITADINA

CENAS DA RUA

Quem pretender reunir temas veridicos para escrever artigos e cronicas, sem querer enredar-se nos meandros complicados da imaginação; ou deseje firmar-se como noticiarista, sem esforço inventivo, reproduzindo cenas da vida real, necessita unicamente sair de casa, reparar para as «fitas» que se desemrolam á sua volta, colhendo nas ruas fertil contingente para todos os generos, desde o sentimental ao comico, do romantico ao humoristico.

Ha pessoas que não limitam o circo opressivo de desgostos ao segredo das paredes que lhes servem de guarida e vêm para publico expandir a sua dôr, fazer estendal da miseria que os tortura, submeter ao conceito de estranhos a magua que lhes estala o peito.

Aparece, como cenario, natural, ilustrado com as tintas negras da desgraça, uma multidão de aleijados andrajosos, de inestético aspecto a contrastar com o progresso crescente da cidade, pronta a relatar á malta ignobil os lamentaveis desastres que os reduziu a tam miseranda condição.

Tem historias comoventes, impregnadas de lagrimas, são al-

mas sofredoras, resignadas aos martírios da sorte, que, talvez, se não conformassem a estar comodamente instalados numa casa de caridade.

Assim fazem os velhinhos, pobres, mendicantes, quando os internam nos asilos. Fogem, ansiosos de liberdade, confiados nas esmolas particulares inexgotáveis...

Depois, os que vêm sentar-se, nos passeios, em frente aos portões das ilhas, em que habitam e mostram sem cerimonia, horrorosas feridas, que, infelizmente lhes vão corroendo os corpos. Estas pessoas são minuciosas na narrativa da origem das cancerosas chagas, que deveriam estar escondidas, num hospital, onde tivessem carinhosa assistência e nunca expostas aos olhares de quem passa, entre o gaudío da garotada indigena e os pregões dos vendedores ambulantes.

Temos também alguns exemplares de monstros, que se exibem gratuitamente, em varios pontos da cidade: cabeças descomunais; corpos disformes, soltando uivos de feras; epidermes recobertas de pelos, semelhando sismios...

Porfiam, a pleiadé, numerosa, de vigaristas, qual deles mais inédito nas lamurias apresentadas para armar ao sentimentalismo, quando não pôde pôr em pratica, os processos vulgares, muito conhecidos e idealizados pela má indole dos seus sentimentos perversos.

Passam as maiores inclemências para arranjar dinheiro sem trabalhar!

Homens, na plenitude da vida, atiram-se para o solo, debruços, a chorar e contam invariavelmente a mesma coisa:—sairam do hospital... não têm para onde ir, nem dinheiro para regressar á terra...

E' isto na generalidade, mas, procedem individualmente, para se não tornarem ridiculos.

A minha rua é pequena, de pouco transito, retirada do centro, assim mesmo tem dado ensejo á exhibição dos burlões.

Outro dia um rapaz, aparentando vinte e tres anos, simulou um desmaio, em frente a uma casa onde estavam senhoras á janela! Uma, correu pressurosa com café quente e torradas, enquanto outra, mandava a criada levar vinho fino e bolachas para o reanimar.

Foram saindo de suas casas, pessoas curiosas que o rodearam, para ouvir-lhe a odiseia triste, que ele foi desfiando, sem deixar de mastigar quanto lhe levavam os generosos bemfeitores! Depois de bem provido o estomago de comida de luxo, cara, cada um deu uma peça de ves-

tuário para o agasalhar, que vestiu em cima da que trazia, ficando todo janota...

E como é grato á consciencia, cumprir dois dos principais preceitos das obras de misericórdia:—*dár de comer a quem tem fome e vestir os esfarrapados!*...

Mas o nosso heroi não era homem que se contentasse sem «argent» no bolso.

Como fecho de comédia aventurou a frase sacramental:

Queria ir para a minha terra—Vila-Flor—tenho lá familia... Vim a pé de Lisboa... não tenho coragem para seguir... Condoídas, as minhas vizinhas, fizeram uma «quette». Todas déram. O intrujão embolsado da quantia pedida para a viagem e no dia seguinte... estava noutra rua como actor da mesma «fita».

E toda esta farandola infeliz, se desloca dos seus tegurios, circula livremente pelas ruas do Porto, como aliáz, acontece nos grandes centros estrangeiros, pois, todas as cidades por maior que seja o grau de civilização, tem o seu *zé povinho*, prestavel para inalteráveis disfarces e disposto ás mais extraordinarias caracterisações.

MOACYR,

Vamos acabar com isto?

Está a desenvolver-se extraordinariamente a luta anti-tabagista.

Sabe-se que a nicotina do tabaco mata e que o fumo sufoca.

«O tabaco, diz-nos o dr. Georges Oetit, numa das suas conferências realizadas em Paris, deve o seu poder tóxico a muitas substâncias das quais a mais conhecida é nicotina alcalóide liquido, incolor, insolúbel na água e de gosto acre. E' um veneno muito violento, dos mais violentos alcalóides conhecidos; o ácido prússico sómente lhe pode ser comparado em violencia de acção e perigo de acidente.

Se colocarmos duas gotas de nicotina na lingua dum cão, ver-se-á o pobre do animal fazer alguns esforços de deglutição, depois, cair quasi repentinamente, debater-te em convulsões violentas e morrer em menos dum minuto.

A dose mortal de nicotina—continua elucidando-nos o dr. G. Petit—é compreendida entre 20 e 21 milig. por kg. de animal. No homem, uma só gota de nicotica, imediatamente provoca accidentes graves. Oito gotas bastam para matar um cavallo».

Vamos a acabar com isto?

Reparação da nossa Matriz

Subscrição

Continuação do numero anterior:

Transporte	336\$00
Americo Vieira	100\$00
Manuel M. Henriques	10\$00
Anonimo	2\$500
Albina A. Morgado	10\$00
Loduvina de J. Guerra	2\$50
Maria Aurora B. Guerra	2\$50
Soma	463\$50

(Continua)

D. Ana da Conceição A. Boaventura

Na terça-feira passada recebemos súbitamente a noticia dolorosa de haver falecido, na sua casa de Susão, da vizinha freguesia de Palmeira, a Senhora D. Ana da Conceição Azevedo Boaventura, esposa querida do nosso particular amigo e illustre Director do Distrito Escolar de Braga, Senhor Manuel Boaventura.

Há muito tempo já, que a bondosa senhora vinha sofrendo duma grave doença, porém, o seu estado não nos deixava prever tão rapido desenlace.

Não lhe faltaram todos os recursos de que a medicina moderna dispõe, nem o carinho e cuidado do seu desolado marido e filhos.

Porém, a morte é traiçoeira e, assim, levou ainda nova quem junto dos seus tanta felicidade lhes sabia dar.

Espalhada a triste noticia dirigiram-se a Palmeira muitas pessoas de alta representação social e amigos da familia, não só de Espozende, como ainda de Barcelos e Braga, a apresentar as suas condolências.

Foram recebidas na residência da extinta centenas de telegramas.

Quasi todas as escolas do concelho enviaram *gerbes* com sentidas dedicatórias.

O seu funeral que se realizou na quarta feira pelas 10 horas foi uma verdadeira demonstração de profundo pesar.

Nêle tomaram parte altas individualidades de Espozende, Barcelos, Braga e outras terras, onde o Senhor Manuel Boaventura é estimadissimo. Impossivel nos foi tomar apontamento dos nomes das pessoas presentes, porém ainda conseguimos ver entre muitas outras, os Ex.mos Senhores: P.º Sá Pereira, presidente da Câmara de Espozende, Dr. Arantes Rodrigues, administrador do Concelho, Dr. João de Barros, presidente da Comissão Concelhia do União Nacional, Dr. Pinto Coe-

lho, delegado do Ministério Público, Dr. Manuel Bacelar, Conservador do Registo Predial, Dr. Alvaro Souto, Conservador do Registo Civil, Dr. Antero Reis Gomes, notário e advogado, Dr. Souza Costa, notário e advogado, todos de Espozende; Dr. Artur Barros Lima, notário e advogado em Barcelos, Administrador do Concelho de Barcelos, Dr. Matos Graça, antigo governador civil de Braga, Conego Celestino Figueiredo abade da Sé de Braga, P.e Magalhães Costa director do Diario do Minho, Dr. Francisco Gonçalves director da Escola Normal, Manuel Caramoça, adjunto do Distrito Escolar, Tenente Afonso Neves de Espozende e todos os professores do nosso concelho, de Barcelos e muitos de Braga e outras localidades.

O Senhor Governador Civil do Distrito fez-se representar pelo illustre administrador do nosso concelho, Snr. Dr. Manuel Arantes Rodrigues.

De todas as freguesias circunvizinhas e de Palmeira muitissima gente viera ao funeral.

A urna foi retirada da camara ardente pelos senhores professores, Pio Rodrigues, de Fão, Mário Vilaverde, de Forjais, José Peixoto, de Marinhas, Carlos Martins, de Espozende, Sousa Almeida de Alvelos, concelho de Barcelos, e Manuel de Jesus Pinheiro, de S. Lázaro, da cidade de Braga, e colocada no carro dos Bombeiros Voluntarios desta vila.

Organizaram-se diversos turnos dos quais nos foi impossivel saber os nomes das pessoas que os constituíram.

Na igreja paroquial tiveram lugar os officios fúnebres com grande assistencia, findos os quais a urna conduzida por alguns dos professores acima mencionados e outros deu entrada no cemitério paroquial.

Ao nosso particular amigo, Senhor Manuel Boaventura e a toda a familia, apresenta O ESPOZENDENSE, sentidas condolências pela irreparavel perda que acaba de sofrer.

CASA

Arrenda-se a que esteve ocupada pelo sr. Antonio Araujo, na rua 1.º de Dezembro. Para tratar com o seu proprietario Angelino E-mailio do Vale—Perelhal.

Joel de Magalhães MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12 e em Fão das 14 ás 15 e meia horas

HAVANEZA

—DE—

Ramiro d'Almeida Cabral

Praça do Municipio

Café, Pastelaria, Vinhos do Porto, Champanhes, miudezas e Papelaria.

AGENCIA DA Körting RADIO

A marca que não necessita de reclame

Deposito oficial da C.^a PORTUGUEZA DE TABACOS, FOSFOREIRA PORTUGUEZA. E SOCIEDADE NACIONAL DE FOSFOROS

Artigos Fotográficos Kodák e Agfa

Perfumaria fina e Valores selados

Tabacos nacionaes e estrangeiros. Lotarias.

LAMPADAS—LUMIAR—PHILIPS e COLONIAL

Sub-Agencia da Shell Company Of. Portugal

Gasolina, Petroleo e Oleos

Nesta casa encontrará V. Ex.^a sempre frescos os autenticos e afamados

“PASTEIS DA CLARINHA,”

Os melhores descontos aos Senhores revendedores

Vendas por junto e a retalho.

Talho “Flor da Avenida,”

Rua 1.^o de Dezembro (em frente á Avenida Valentim Ribeiro)

ESPOZENDE

Fornece carnes verdes de boi, vaca, vitela, cabrito e carneiro, diariamente.

O seu gado é escrupulosamente escolhido por fornecedores entendidos.

Divisa da casa:

«Servir bem, sem olhar a quem»

O proprietario

Manoel José de Carvalho.

Farmacia COSTA



(Antiga Farmacia Central)

RUA 1.^o DE DEZEMBRO — ESPOZENDE

Depois duma grande transformação reabriu ao publico esta antiga e acreditada farmacia onde se encontra grande sortido de productos quimicos e farmaceuticos

Aviamento de receituário medico, com todo o escrupulo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Curativos e injeções.—Preços modicos.

Preferir esta farmacia é ter a certeza de ser bem servido em preços e qualidades

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Medicos

A unica conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saude e especialmente para alimentação de

CREANÇAS, ADULTOS E CONVALESCENTES

A' venda em todas as Farmácias, — DEPOSITO GERAL EM Drogarias e Merciarías — BELEM

Farmácia Franco, Filhos

Padaria e Biscoitaria Mecânica

DE **JOÃO LUIZ FERREIRA**

RUA D. DIOGO PINHEIRO, N.^{os} 1 e 3

RUA BA'JONA DE FREITAS, N.^{os} 43 e 56

RUA BOM JESUS DA CRUZ, N.^{os} 2 e 4

BARCELOS

Neste estabelecimento, dos mais bem montados do Norte do País, encontrará o publico á venda a especial REGUEIFA (rosca), PÃO COADO, PÃO DE MILHO, PÃO DE TRIGO E PÃO DOCE, bem assim como um variado sortido de bolachas e biscoitos, tosta doce e azeda, etc. etc.

No seu proprio interesse, ninguem compre sem confrontar a qualidade e os preços dos productos fabricados neste estabelecimento.

OBRA MONUMENTAL

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Lisboa

Rio de Janeiro

Edição da

EDITORIAL ENCICLOPEDIA L.da

Está publicado o decimo fasciculo

150 colaboradores eminentes em todos os ramos de saber e da cultura. Todas as figuras da nossa História—Toda a Terra Portuguesa e o Império Colonial nos seus variados e aspectos—Toda a fauna e flora lusitana *Um compendio de toda a cultura Nacional* que é ao mesmo tempo o **melhor dicionario do idioma portuguez**, incluindo portuguez arcaico e moderno, brasileiro-mo, calão, provincialismos, gíria e neologismos, *vocabulário técnico de todas as profissões*, etc., etc.

Um repertorio completo bio-bibliográfico de escritores, artistas, médicos, e engenheiros, músicos, cantores, officiais do exército e da armada, politicos, funcionários, jornalistas etc., cuja obra em conjunto, até aos dias de hoje constitue *monumental cultura lusitana*

Pedido de assinatura á

EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
Largo Trindade Coelho, 10-LISBOA

Desejo assinar a grande «Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» (1) pelo correio, contra reembolso, mensal, 3 meses, 6 meses, 1 ano
Nome

Morada

Assinatura

(1) Cortar o que não interessa.

CERCA DE 20.000 VOCÁBULOS NOVOS. 15.000 GRAVURAS E 400 ESTAMPAS A CORES. **MAGNIFICA APRESENTAÇÃO GRÁFICA**
POR 10.500 MENSAIS todos podem adquirir a obra de maior categoria até hoje editada em língua portuguesa

TUDO NUMA SÓ OBRA **UMA SÓ OBRA PARA TUDO**
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
UM FASCICULO EM CADA MÊS

A' vnda na Livraria «ESPOZENDENSE» — Espozende.

Alfaiataria Miranda

—LARGO DR. FONSECA LIMA—

Tendo feito passar esta casa por uma grande transformação, e desenvolvendo assim o seu sortido em casimiras para fatos e sobretudos de homem; casacos e vestidos para senhora, confecciona a preços sem competencia toda e qualquer obra.

Tambem, e ao alcance de todas as bolsas, acaba de pôr á venda fatos a vestir, desde 120 ESCUDOS.

GRANDES NOVIDADES

ULTIMA MODA